

# Richa rompe com Camargo, o candidato do Paraná

por Nélio Teixeira  
de Curitiba

A retirada do apoio do senador José Richa (PMDB-PR) a seu colega Affonso Camargo como candidato à 1ª vice-presidência do PMDB é o primeiro rompimento entre esses dois paranaenses que durante a campanha de 15 de novembro do ano passado declaravam-se "amigos há trinta anos". Continuam amigos, mas se transformaram em adversários dentro do PMDB. Para romper, Richa alegou que na eventualidade da licença do deputado Ulysses Guimarães da presidência do seu partido, "o substituído no comando do PMDB não pode ser quem assume uma posição radical contra o governo". Camargo vinha criticando asperamente a política econômica do governo. Richa entende que o PMDB deve assumir a postura de principal partido do governo — com seus ônus e vantagens. "O povo leu a vitória ao PMDB que é um partido do governo. Se o governo for mal, nós também iremos mal."

Na tarde de ontem, em Curitiba, assessores do senador Affonso Camargo distribuíram uma breve declaração contendo sua opinião sobre o episódio da retirada do apoio de Richa. "Se for verdade a opinião do senador José Richa", diz Camargo, "de que o 1º vice-presidente do PMDB não pode assumir eventualmente posições radicais contra o governo, nesse caso julgo que os membros do Diretório Nacional do PMDB não devem escolher-me para aquele cargo."

A explosão entre Richa e Camargo ocorreu, na verdade, na noite de terça-feira passada, na casa do ministro Deni Schwarts, do Desenvolvimento Urbano, durante um jantar da bancada federal do Paraná. Nos bastidores, Camargo

vinha criticando Richa, julgando que seu companheiro vinha fazendo declarações que prejudicavam seu objetivo de substituir Ulysses Guimarães. Entre uma garfada e outra, Richa dirigiu-se a Camargo e disse: "Se você julga que estou te prejudicando, não prejudico mais, retiro meu apoio à tua candidatura".

Richa comunicou essa decisão a um grupo de parlamentares, entre eles Mário Covas, Severo Gomes, Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB, no Senado, e Euclides Scalco, primeiro secretário do partido. Todos concordaram com a decisão.

Enquanto Richa, Covas, Scalco Severo e outros parlamentares passaram a fazer reuniões para encontrar uma fórmula de unidade do partido, além de colher subsídios para dialogar com os ministros da área econômica, Camargo passou a fazer violentas críticas ao governo.

Os líderes pemedebistas entenderam que Camargo, dessa forma, não poderia presidir o PMDB, principal partido do governo, em virtude do conseqüente atrito com o presidente Sarney, a partir de suas declarações. Passaram a articular, inicialmente, a manutenção no cargo do primeiro-vice-presidente e substituto natural de Ulysses Guimarães, o governador eleito do Rio Grande do Sul, Pedro Simon. Isso de fato ocorrerá. Simon só se afastará da primeira-vice-presidência em 14 de março, véspera de assumir o governo gaúcho. Até lá, também, dificilmente Ulysses pedirá licença da presidência do partido. Articula-se para a vacância da primeira vice-presidência o nome do deputado federal João Gilberto (PMDB-RS), que então exerceria a presidência na eventualidade da licença de Ulysses durante o desenrolar da Constituinte.